

## GEOGRAFIAS NEGRO-LÉSBICAS EM CIDINHA DA SILVA

Elisabete Costa Silva

Universidade Estadual de Santa Cruz

**Resumo:** Neste artigo, visamos à análise dos contos “*I have shoes for you*” e “Farrina”, presentes no livro *Um Exu em Nova York* (2018), de Cidinha da Silva, procurando compreendê-los com base nos deslocamentos impulsionados pela diáspora africana, bem como pelos estudos de gênero e de sexualidade. Para tanto, adotamos o termo “geografias negro-lésbicas”, com base no já existente conceito de “geografias lésbicas” (BROWNE; FERREIRA, 2015; POLESSO, 2018) e nas discussões acerca da diáspora africana (GILROY, 2001) e da decolonialidade (LANDER, 2005; BERNARDINO-COSTA, 2018). Essa reflexão tem por objetivo pensar a geografia literária enquanto possibilidade de romper com as fronteiras do racismo e da heteronorma, por meio da representação afirmativa de personagens negras e lésbicas.

**Palavras-chave:** Geografias lésbicas; Literatura negro-brasileira; Decolonialidade.

**Abstract:** In this paper, we aim to analyze the short stories “I have shoes for you” and “Farrina”, present in Cidinha da Silva’s book *Um Exu in New York* (2018), seeking to understand them based on the displacements driven by the African diaspora, as well as gender and sexuality studies. For this purpose, we adopt the term “black lesbian geographies”, based on the concept of “lesbian geographies” (BROWNE; FERREIRA, 2015; POLESSO, 2018) and in discussions about the African diaspora (GILROY, 2001) and decoloniality (LANDER, 2005; BERNARDINO-COSTA, 2018). This reflection aims to think of literary geography as a possibility to break the boundaries of racism and heteronorm, through the affirmative representation of black and lesbian characters.

**Keywords:** Lesbian Geographies; Black Brazilian Literature; Decoloniality.

*I promised to show you a map you say but this is a mural  
then yes let it be these are small distinctions  
where do we see it from is the question.*

Adrienne Rich

A partir de uma perspectiva neocolonial, a hegemonia de poder das potências econômicas globais é vista não somente como desejável, mas como a única possível. Os processos de dominação política e econômica acabam, nesse sentido, por se naturalizar, se firmar na historiografia oficial dos países, mediante formas de conhecimento, categorias e conceitos que “se converteram em categorias universais para a análise de qualquer realidade, normativas que definem o dever ser de todos os povos do planeta” (Lander, 2005: 14).

Diferentes recursos históricos – evangelização, civilização, modernização – têm como sustento justamente a concepção de que há um padrão superior: o do colonizador. É nesse sentido que, nos países ocidentalizados, historicamente, tem-se adotado uma visão europeizada das mais diversas culturas e povos. Como consequência, as experiências e/ou produções culturais advindas dos povos negros, por exemplo, têm sido ocultadas, negadas, quando não revestidas de máscaras brancas<sup>1</sup>.

Na contramão dessa perspectiva, surgem importantes discussões sobre as diásporas africanas e a construção de identidades negras, bem como estratégias de resistência aos imaginários embranquecidos. Abrem-se, ainda, inúmeras possibilidades de agenciamento na produção de valores e nas relações de poder que deles decorrem e que estruturam o funcionamento da sociedade racista. Segundo Joaze Bernardino-Costa, teórico brasileiro dos estudos afro-diaspóricos, essa reviravolta epistemológica funciona como:

uma estratégia fundamental contra a colonialidade do conhecimento e a colonialidade do ser. Se, no âmbito da matriz do poder moderno/colonial, a desqualificação epistemológica se constitui num mecanismo de negação ontológica, o inverso também é verdadeiro, ou seja, a afirmação ontológica, por meio da geopolítica e corpo-política do conhecimento, torna-se um elemento central para a afirmação epistemológica (Bernardino-Costa, 2018: 126).

Um dos aliados nesse processo são, justamente, os estudos literários. No Brasil, especialmente a partir dos anos 2000, inúmeros trabalhos da área vêm adotando uma

---

<sup>1</sup> Alusão à metáfora que dá título ao livro *Peau noire, masques blancs* (1952), de Frantz Fanon.

abordagem não canônica. Dentre os mais conhecidos, podemos citar as pesquisas coordenadas por Regina Dalcastagnè, interessadas em contabilizar autores(as) e personagens femininas e masculinas em romances da literatura brasileira contemporânea:

Os resultados referentes ao período 1990-2004 [...] mostram que o romance brasileiro é majoritariamente escrito por homens [72,7% dos autores] e sobre homens [62,1% das personagens são do sexo masculino, proporção que sobe para 71,7% quando são isolados os protagonistas]. Além de serem minoritárias nos romances, as mulheres têm menos acesso à ‘voz’ – isto é, à posição de narradoras – e ocupam menos as posições de maior importância (Dalcastagnè, 2010: 47).

A pesquisadora acrescenta, ainda, que: “a personagem do romance brasileiro também é branca (79,8%), heterossexual (81%) e rica ou de classe média (82,9%)” (Dalcastagnè, 2010: 54). Assim, não dá para pensar a literatura brasileira contemporânea destituída de um conjunto de problemáticas que ainda se fazem presentes nos modelos impostos.

Também nesse viés, alguns pesquisadores da área da literatura têm se articulado em torno de questões gays e lésbicas, no intuito de reafirmar a existência de uma produção literária capaz de suscitar, abertamente, discussões sobre as dissidências sexuais e de gênero (cf. Lugarinho, 2003; Souza Júnior, 2007; Polesso, 2018). Nessa produção, personagens de inclinação erótica divergente da heterossexualidade transitam pelos mais variados espaços e negociam novos modelos de (re)existência. Entender essas vozes que (se) narram distanciadas dos estereótipos vários é um ponto crucial para interpretar as subjetividades em ascensão e, assim, reformular perspectivas sobre as formas de vida e de escrita contemporâneas.

Ainda nesse contexto de afirmação, há de se destacar a importância do fortalecimento dos movimentos negros no Brasil nas últimas décadas do século XX, e progressivamente a partir dos anos 2000, que também se fez sentir no âmbito literário. Prova disso é que nos deparamos cada vez mais com criações em que a voz autoral se impõe como sujeito que se autorrepresenta, a partir da identidade experimentada à margem de uma sociedade ainda racista – além de machista e homo/lesbofóbica. Por meio dessas representações literárias, deslocamentos, movimentações, revisões e reversões (contra)culturais podem se disseminar, em vários espaços e épocas, desfazendo a universalidade das nações e suas ilusões narrativas que subalternizam e excluem.

Aqui, de modo especial, destacamos os escritos pertencentes ao chamado “Atlântico negro”: “tradição não tradicional, conjunto cultural irredutivelmente moderno, excêntrico, instável e assimétrico, que não pode ser apreendido mediante a lógica maniqueísta da codificação binária” (Gilroy, 2001: 370). Neles, escritoras negras têm evidenciado suas identidades a partir de uma série de questões, que vão muito além do fundamentalismo ideológico a que foram submetidas pela civilização ocidental. Essa formulação encontra-se marcada, sobretudo, pelo propósito de construir um texto negro-identificado. Além disso, transcende fronteiras geográficas, uma vez que conversa com as outras margens do Atlântico negro por meio da transversalidade de temas e pontos de vista, bem como das referências às demais vozes negras da diáspora africana, aproximadas pela condição subalterna. Dessa perspectiva, emergem nomes como Conceição Evaristo, Miriam Alves e Cidinha da Silva, escritora escolhida para este trabalho.

Maria Aparecida da Silva nasceu em Belo Horizonte, onde se graduou em História, pela Universidade Federal de Minas Gerais. Dado seu forte engajamento com a causa negra e com questões ligadas às relações de gênero, a pesquisadora mineira chegou a presidir, entre os anos de 2000 e 2003, o GELEDÉS, organização que se posiciona em defesa dos direitos civis de mulheres e negros. Além disso, ela foi responsável por fundar, em 2005, o Instituto Kuanza, que desenvolve projetos e promove ações educativas, também voltadas para a população negra.

Sua estreia na literatura se deu com a coletânea *Cada tridente em seu lugar* (2006), que dialoga com questões raciais imprescindíveis na contemporaneidade. Desde então, a escritora já teve mais de dez títulos publicados, que vão desde crônicas até contos, poemas e narrativas infantojuvenis, sendo uma das grandes responsáveis por (re)inscrever, de forma engajada e propositiva, na história da literatura brasileira, uma perspectiva mulher-negra e, muito frequentemente, também, a negro-lésbica.

É entre as publicações mais recentes de Cidinha que encontramos o nosso *corpus*: *Um Exu em Nova York* (2018). Além de outras temáticas, o livro expõe situações de racismo, machismo e LGBTfobia, e desmistifica estereótipos acerca das religiões de matriz africana, seja no Brasil, seja em Nova York. Antes, porém, de nos

aprofundarmos nesses “exuzilhamentos”<sup>2</sup>, faz-se necessário que entendamos o conceito-chave deste trabalho, “geografias lésbicas”, o qual:

Diz respeito a onde e como vivem, trabalham e têm lazer indivíduos que: se identificam como; reivindicam o termo; ou podem ser vistos como lésbicas; dizem respeito a como essas pessoas se encontram em determinados lugares e também como elas negociam os lugares onde: não são bem-vindas; são sujeitas a abusos; e onde elas se sentem inseguras. Sobretudo, as geografias lésbicas dizem respeito às possibilidades de encontrar, ressignificar e criar espaços onde o trânsito das lésbicas e/ou mulheres queer seja possível (Polessso, 2018: 6).

Por também pensarmos na produção social irrefutavelmente conectada à produção e à reformulação de espaços – geográficos, discursivos, de poder –, nos apropriamos desse termo, compreendendo ainda que a rotulagem “lésbica” não deve ser lida enquanto uma categoria homogênea, mas como algo que é fluido no tempo e no espaço. De acordo com Browne e Ferreira (2015):

A criação de lugares lésbicos é complexa e multifacetada, e assume diferentes pressupostos teóricos. Além disso, essas negociações, resistências, apropriações e retrabalhos não são estáveis ou necessariamente coerentes. Elas não se enquadram nas normas da disciplina geográfica: reformulam o pensamento sobre lugar e território, exigindo diferentes maneiras de se relacionar com as sexualidades e com os espaços (Browne; Ferreira, 2015: 10, tradução minha).

Observar, pois, as espacialidades, enquanto elemento constituinte dos processos de subjetivação, a partir de um ponto de vista lésbico, oportuniza uma abertura para outros horizontes discursivos, escriturais e de pesquisa, até então, invisibilizados. O que Polessso propõe, com base na noção de “geografia literária”<sup>3</sup>, e nós aqui tentaremos ampliar, é um olhar propositivo para os espaços: um projeto que se opõe às colonialidades de ser e de saber, impostas pelo projeto moderno.

Não se trata de discernir que tipo de experiência pode ou não produzir tal texto, mas de dizer que a experiência está sempre mediada por um espaço. A condição geográfica do estudo reside na imanência das ações no espaço, sua interdependência, sua produção como constitutiva e indispensável à humanidade. As relações acontecem no espaço, em um lugar específico, composto de pessoas e entremeadas de relações, e não numa plataforma histórico-temporal amorfa. As relações compõem o espaço e sua construção (Polessso, 2018:10).

Se o ato de cartografar consiste, como quiseram Deleuze e Guattari (2011), em uma escritura crítica e interpretativa, que permite olhares múltiplos sobre o mundo, ele também está assentado na multiplicidade de sujeitos. Tal noção, redirecionada para os

---

<sup>2</sup> Exuzilhar: verbo-neologismo criado por Cidinha da Silva, em 2010, que faz referência aos caminhos percorridos por Exu, suas encruzilhadas, um cronótopo capaz de fundamentar uma ética e uma estética alternativas às criadas pelo Ocidente.

<sup>3</sup> Termo utilizado pelo pesquisador italiano Michel Collot para pensar “a) no espaço que a literatura produz; b) na maneira como ela o produz; e c) nas projeções dessa produção” (Polessso, 2018, p. 6).

textos literários – no nosso caso, mais especificamente, os negro-brasileiros –, permite construir um repertório de obras que representem as figuras negro-lésbicas nas mais diversas espacialidades, de modo distinto ao que propôs o cânone literário ocidental.

Para melhor ilustrar essa proposta, apresentamos, a seguir, alguns trechos dos contos que compõem o nosso *Exu*. O primeiro deles, “*I have shoes for you*”, assim começa:

Ela surgiu de surpresa, como eles costumam vir ao meu mundo. [...] Perguntou com voz muito doce se eu tinha algum trocado. Sorri para ela. Entreguei as moedas. Quando olhou para meus pés, depois de agradecer, disse: *eu tenho sapatos para você*. [...] Ali, no Harlem de classe média, ela julgou que eu era da rua, do Harlem profundo, como ela. [...] Ou, ainda, considerando meus *dreads*, um casaco fora de moda, sapatos de outono usados no inverno em diálogo com o Harlem *roots* de onde ela vinha, talvez os sapatos fossem um código ou senha para uso ou tráfico de coisas que poderiam me interessar (Silva, 2018: 13-15, grifos nossos).

Já nesse primeiro trecho, somos apresentados ao espaço onde se passa a narrativa: no Harlem, bairro nova-iorquino que, desde a sua “Renascença”<sup>4</sup>, passou a ser visto um dos principais locais de resistência e celebração da cultura negra no território estadunidense. Tal marca, no entanto, não o tornou imune ao racismo que rege o funcionamento do mundo ocidental: da intensa segregação, ocorrida principalmente ao fim do século XX<sup>5</sup>, surgiu, de um lado, o “Harlem de classe média”, massivamente ocupado por *shopping centers*, franquias, cinemas e casas de show; e, do outro, o “Harlem profundo”, habitado pela população mais pobre e marginalizada. Foi assim, pois, que o espaço, irregularmente triangulado pelo capitalismo, destinou a população negra ao Sul, ao “Harlem *roots*”, “à choupana sulista e ao cortiço metropolitano” (Gilroy, 2001: 326). Por isso, a personagem-narradora, que também é negra, pressupõe que a sua cor, seus *dreads*, seu casaco fora das tendências globalizantes denunciariam um possível não pertencimento ao “Harlem de classe média”, no qual se encontrava.

Ainda no início da narrativa, a personagem se questiona “por que diabos aquela sem-teto queria me dar sapatos?” (Silva, 2018: 14). A resposta pode ser antecipada se pensarmos o próprio título do livro: *Um Exu em Nova York*. Afinal, quem é Exu? As palavras de wanderson flor do nascimento, presentes no prólogo, assim respondem:

Andarilho, mensageiro, comunicador, afeito à política. Senhor das contradições e dos caminhos, Exu anda com as palavras, anda nas palavras, anda pelas palavras, anda as palavras. Por viver (n)as

---

<sup>4</sup> Movimento cultural, ocorrido no início do século XX, que envolveu poetas, escritores, músicos, dançarinos etc., predominantemente negros, e empenhou-se na criação e na afirmação de uma nova cultura negra norte-americana (Risério, 2007).

<sup>5</sup> Cf. Pasquini, 2014.

palavras, como vive (n)as encruzilhadas, (n)os caminhos, Exu as tem como ferramentas para fazer mundos, encontros, memória (Nascimento, 2018: 11).

Exu surge, pois, no conto supracitado, para oferecer os sapatos: instrumentos necessários para que a personagem-narradora possa fazer seus (des)caminhos escriturais. Na cultura iorubana, Exu é lido como o senhor do corpo, do desejo e das palavras, tradutor do sistema-mundo moderno. Nessa perspectiva, é ele quem possibilita pensar as corporeidades afrodiaspóricas, suas enunciações, reivindicações de identidade e produções de presença, que transgridem as dimensões da colonialidade: a partir das sabedorias do corpo, em sua materialidade, Exu se manifesta e cruza diferentes espaços e formas de discurso.

Nesse contexto, convém lembrar que o corpo é o primeiro lugar de ataque do racismo/neocolonialismo, uma vez que as formas de atualização da colonização incidem nas dimensões do saber e do ser, isto é, nas subjetividades e nas fisicalidades dos povos colonizados. Todavia, é também nos limites do corpo que emergem as possibilidades de novas inscrições: é por meio dos saberes textualizados e da multiplicidade de performances que se confrontam e se rasuram esses regimes.

De acordo com Luiz Rufino (2016), as rasuras e transgressões de caráter exusíaco se dão nos atos de praticar frestas nos vazios deixados pela lógica dominante. A perspectiva da encruzilhada, interpretada a partir dos saberes fronteiriços da diáspora africana, compreende-se como um campo de possibilidades de presença de Exu no tempo-espaço. Nesse sentido, Exu dá o tom do que vem a ser a escritura de Cidinha da Silva, bem como as narrativas em torno de suas personagens, uma vez que, nelas/a partir delas, emergem representações do colonizado em espaços onde, por muito tempo, ele não havia sido pensado.

Além disso, a alusão a Exu-orixá na narrativa analisada remete também a uma ancestralidade africana, ilustrando, a partir da palavra literária e das cartografias dissidentes, uma “contracultura da modernidade” (Gilroy, 2001). Afinal, exuzilhar o campo do saber significa, acima de tudo, lançar diferentes perspectivas em uma dinâmica cruzada, na qual cada intersecção ressalta a emergência de outros caminhos e leituras de mundo.

No que se refere ao segundo conto, “Farrina”, ele também narra o entrecruzamento de duas negras na cidade de Nova York. Dessa vez, o encontro ocorre

no Brooklyn – *borough* nova-iorquino que, assim como o Harlem, viveu uma espécie de renascimento negro, por volta dos anos 1980<sup>6</sup>.

Assim que me viu, sorriu, meneou o corpo como quem dissesse: se você está procurando lugar para se sentar, sente-se aqui. Assenti. A ver o que aquela mulher de longos *dreads* avermelhados teria a me dizer. [...] Não pude me furtar a olhar para as marcas do tempo violento e da pobreza em seu corpo: as cáries, a falta de dentes, cortes e pequenas queimaduras ao longo dos braços, a pele ressecada, sem uso de hidratante naquele princípio de inverno (Silva, 2018: 45-46).

No trecho em destaque, aparecem novamente os *dreads*, elemento estético negro que é resgatado e celebrado no projeto literário negro-brasileiro, num tom de afirmação e de (re)existência, uma vez que cria “certa irmandade mundo a fora entre pessoas negras que partilham o sentido de raízes que crescem para o alto e para fora” (Silva, 2018: 45). Aos poucos, vamos sabendo mais sobre a personagem que dá nome ao conto:

Ela vinha de uma viagem longa. Chegara do Sul há uma semana, fugindo de mais um furacão. Eu não havia visto notícia sobre furacão algum. Ela riu o riso que diz: são tantos os furacões e vendavais no Sul que *o Norte dos EUA e o mundo só olham para nós quando precisam de notícias*. [...] Interessada, perguntei se o governo local dava alguma ajuda financeira para que os moradores se deslocassem. Muito séria, respondeu que não. Nenhuma ajuda (Silva, 2018: 47, grifos nossos).

Descobrimos, assim, que Farrina, embora estivesse no Norte dos EUA, vinha do Sul – geográfico e geopolítico. Por conta da miséria causada por desastres ambientais e da falta de assistência do governo, a personagem havia fugido para Nova York, onde se abrigava na casa de familiares. Ao trazer a temática das relações Norte-Sul, o texto de Cidinha denuncia, mais uma vez, as profundas desigualdades sociais no mundo ocidental. Por sua vez, Farrina também faz alguns questionamentos à sua interlocutora:

Perguntou se eu era de NY. [...] Tentei explicar que eu era de Minas Gerais, desenhei um mapa rudimentar do Brasil e localizei a terrinha. Depois, perguntou o que eu fazia na cidade e respondi que estava ali para assistir a leitura de uma peça de minha autoria num teatro. Ela me olhou entre espantada e feliz. Congratulou-se comigo e disse, *é muito bom que a gente faça esse tipo de coisa também* (Silva, 2018: 47-48, grifos nossos).

Ao revelar-se enquanto uma escritora brasileira, a narradora tematiza a própria voz autoral de Cidinha. Desse modo, podemos dizer que o conto funciona como uma reação à dupla colonização que oprime mulheres negras, em uma sociedade desenvolvida sob os efeitos de ideologias branco-eurocêntricas e machistas. Além disso, a personagem Farrina, ao se alegrar pelas conquistas da narradora, celebra a

---

<sup>6</sup> Cf. filme: *Brooklyn Boheme* (2011).

decolonização<sup>7</sup> de sujeitos semelhantes a si. Ao passo que a narrativa vai chegando ao fim, aparecem, ainda, outras questões cruciais para pensarmos essa decolonização:

Comprei um [pastelzinho] para Farrina e voltei para nosso local de conversa. [...] Ela comentou: esse Patty é do Caribe. Eu sou de lá. Mais uma surpresa. De onde você é no Caribe? De Trinidad. Oh, Trinidad e Tobago, ilha da região de Audre Lorde! Ela não conhecia. Expliquei que era uma escritora muito importante, ativista lésbica. Confesso que falei a palavra lésbica bem rápido, pois estava em dúvida se Farrina era uma dona de casa, cis, bem conservadora, ou *uma lésbica antiga que guarda tudo sobre si muito bem guardado* e quem é do meio que leia os códigos e os interprete (Silva, 2018: 49-50, grifos nossos).

A primeira informação a destacarmos, no excerto, é o pertencimento da personagem, que dá título ao conto, a uma ilha do Caribe – outra peça fundamental no Atlântico negro. A narradora, que já havia se revelado enquanto uma mulher bem instruída, logo se empolga ao descobrir a proximidade entre sua emblemática interlocutora e uma escritora pela qual nutria acentuada admiração: Audre Lorde. No entanto, Farrina desconhece a ativista caribenha, demarcando ainda mais os diferentes espaços ocupados por cada uma das personagens.

É também a figura de Lorde, negra e lésbica, ativista dos direitos civis, que nos leva à revelação sobre a sexualidade de Farrina: “era uma cebola, isso sim” (Silva, 2018: 50). Embora, somente pela narrativa, não possamos afirmar o mesmo da narradora, é perceptível a sua identificação com a causa lésbica, vide o receio de que Farrina assumisse uma postura intolerante frente ao seu comentário. Essa informação mostra-se importante para que abarquemos as vivências lésbicas juntamente às questões negras, enquanto norteadoras de uma libertação pelas vias do texto literário: uma possível geografia literária negro-lésbica.

Em suma, entendemos que as experiências, as relações, os afetos, as lutas são sempre mediadas no/pelo entrecruzamento de espaços. Mais do que uma construção geográfica, os espaços também são uma construção intelectual, cultural, de poder, uma vez que abrigam/encontram-se abrigados por ideais étnicorraciais, de gênero e de sexualidade. São eles que nos situam no mundo e é a partir deles que narrativas são criadas e repertórios são organizados, formulando novos discursos em torno dos nossos corpos.

---

<sup>7</sup> Por “decolonial”, entendemos que se trata de um “horizonte político que conclui o processo incompleto da descolonização, seja dos países latino-americanos, seja dos países africanos, asiáticos e caribenhos; [...] uma confrontação direta das hierarquias raciais, de gênero, de sexualidade, religiosas, estéticas etc., que estruturam o sistema de dominação e exploração do sistema-mundo moderno/colonial” (Bernardino-Costa, 2018: 124).

No repertório aqui proposto, o das geografias literárias negro-lésbicas, sublinhamos a escritura de Cidinha da Silva, uma vez que esta evidencia questões relativas às dissidências sexuais e de gênero e as coloca em constante diálogo por toda a extensão do Atlântico negro. Além disso, vemos suas personagens percorrerem os mais diversos tempos e espaços, que se entrecruzam mundo a fora, inclusive em Nova York: exuzilham a memória e impulsionam forças de vida e de (re)existência da população negra, das mulheres e dos sujeitos LGBT.

## TRABALHOS CITADOS

BERNARDINO-COSTA, Joaze. Decolonialidade, Atlântico Negro e intelectuais negros brasileiros: em busca de um diálogo horizontal. *Revista Sociedade e Estado*, Brasília, v. 33, n. 1, p. 119-137, jan./abr. 2018. Disponível em: [periodicos.unb.br](http://periodicos.unb.br). Acesso em: 26 jul. 2019.

BROOKLYN Boheme. Direção de Diane Paragas e Nelson George. Nova York: Civilian Studios, 2011. Online (74 min.).

BROWNE, Kath; FERREIRA, Eduarda (Eds.). *Lesbian Geographies: Gender, Place and Power*. London: Routledge, 2015.

DALCASTAGNÈ, Regina. Representações restritas: a mulher no romance brasileiro contemporâneo. In: DALCASTAGNÈ, Regina; LEAL, Virgínia Maria Vasconcelos (Orgs.). *Deslocamentos de gênero na narrativa brasileira contemporânea*. São Paulo: Editora Horizonte, 2010. p. 40-64.

DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011. V.4.

GILROY, Paul. *O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência*. Trad. Cid Knipel Moreira. São Paulo: Ed. 34; Rio de Janeiro: Universidade Candido Mendes, Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

LANDER, Edgardo. Ciências sociais: saberes coloniais e eurocêtricos. In: LANDER, Edgardo (Org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo nas ciências sociais - perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 8-23. Disponível em: [biblioteca.clacso.edu.ar](http://biblioteca.clacso.edu.ar). Acesso em: 26 jul. 2019.

LUGARINHO, Mário César. Literatura de Sodoma: o cânone literário e a identidade homossexual. *Gragoatá*, Niterói, v. 14, p. 133-147, 2003. Disponível em: [periodicos.uff.br](http://periodicos.uff.br). Acesso em: 26 mar. 2020.

NASCIMENTO, wanderson flor do. Prefácio: Exuzinhando a memória. In: SILVA, Cidinha da. *Um Exu em Nova York*. Rio de Janeiro: Pallas, 2018. p. 9-12.

PASQUINI, Gabriel. A destruição do Harlem. *Revista Piauí*, Rio de Janeiro, n. 34, jul. 2014. Disponível em: [piaui.folha.uol.com.br](http://piaui.folha.uol.com.br). Acesso em: 26 jul. 2019.

POLESSO, Natalia Borges. Geografias lésbicas: literatura e gênero. *Criação e & Crítica*, São Paulo, n. 20, p. 3-19, 2018. Disponível em: [www.revistas.usp.br](http://www.revistas.usp.br). Acesso em: 03 jun. 2019.

RISÉRIO, Antonio. *A utopia brasileira e os movimentos negros*. São Paulo: Ed. 34, 2007.

RUFINO, Luiz. Performances afro-diaspóricas e decolonialidade: o saber corporal a partir de Exu e suas encruzilhadas. *Revista Antropolítica*, n. 40, Niterói, p.54-80, 1o. sem. 2016. Disponível em: [www.revistas.uff.br](http://www.revistas.uff.br). Acesso em: 27 mar. 2020.

SILVA, Cidinha da. *Um Exu em Nova York*. Rio de Janeiro: Pallas, 2018.

SOUZA JUNIOR, José Luiz Foureaux de. *Os herdeiros de Sísifo*: teoria da literatura e homoerotismo. Mariana: Aldrava Letras e Artes, 2007.

**Elisabete Costa Silva** é pesquisadora de mestrado no Programa de Pós-graduação em Letras: Linguagens e Representações da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), onde também concluiu a Licenciatura em Letras Português/Inglês (2018). Faz parte do Grupo de Pesquisa (CNPq) “O Espaço Biográfico no Horizonte da Literatura”. Foi bolsista de Iniciação Científica (ICB/CNPq), entre os anos de 2015 e 2018, e de Iniciação à Docência (PIBID/CAPES), entre 2014 e 2015.

Artigo recebido em 06/04/2020.

Aprovado em 08/04/2020.